



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com a Maria das Graças Silva Gervásio e Frei Olavo Dotto - Jornada Mundial dos Pobres

Neste ano de 2021, a V Jornada Mundial dos Pobres é motivada pelo tema ‘Sentem Compaixão?’, com a iluminação bíblica “Sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14,7). A Jornada Mundial dos Pobres é uma resposta à provocação feita pelo papa Francisco quando escreve a mensagem para o V Dia Mundial do Pobre e chama atenção para uma abordagem diferente da pobreza, que não culpabiliza o pobre pela sua situação, constituindo-se para muitos como um peso intolerável; mas uma abordagem que reconhece no pobre sua capacidade de também dar algo para sair da sua condição de apenas receber. Para tanto, o papa Francisco nos incita a refletir sobre nossa incompetência em tratar da pobreza ao falarmos dos pobres de forma abstrata, a partir de estatísticas. É um desafio para os governos e para as instituições mundiais adotarem um modelo social que veja com clareza e seja capaz de enfrentar as novas formas de pobreza que invadem o mundo e marcarão de maneira decisiva as próximas décadas, multiplicada ainda mais com a pandemia. Para entender um pouco mais sobre a V Jornada Mundial dos Pobres, acompanhe a entrevista com Maria das Graças Silva Gervásio, assistente social que integra a equipe técnica da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança e com Frei Olavo Dotto, assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

ENTREVISTA COM: Maria das Graças Silva Gervásio, assistente social que integra a equipe técnica da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança.

Por que e quais são as causas geradoras de tanta pobreza, de tantas pessoas nas ruas sem casa, sem onde se abrigar?



São várias as causas geradoras da pobreza, mas o fenômeno da desigualdade social, que é um legado colonial no Brasil, ajuda a intensificar essa pobreza, pois não são causas apenas econômicas, mas também raciais, regionais e até mesmo de gênero. Apenas um dado para ilustrar essa desigualdade: de acordo com a organização Oxfam, 10% dos brasileiros mais ricos abrangem 43% da renda do país, o que confirma a concentração de poder e agrava a desigualdade social. Mas há também outras causas, como o deficitário acesso à educação por uma grande parte da população, a insuficiência ou má gestão dos recursos públicos, tudo isso gera situações de pessoas em situação de rua, sem ter o mínimo para viver dignamente, que é uma moradia.

Quais são os reflexos da pandemia da Covid-19 em relação à pobreza no Brasil?

Os reflexos da pandemia da covid-19 estão em todos os lugares e nas mais diferentes classes sociais, mas entre os pobres esses reflexos são mais marcantes, porque veio, de uma certa forma, primeiro a escancarar a situação de desemprego e subemprego dessa população, que muitos conheciam, mas que tentavam mascarar; e, segundo, aprofundou a situação de pobreza de grande parte da população. Para se ter uma ideia, um estudo feito pelo economista Daniel Duque, da Fundação Getúlio Vargas, concluiu que no período de novembro de 2019 a janeiro de 2021 houve uma piora da pobreza em 23 estados e no Distrito Federal. E, em 18 estados, aumentou a extrema pobreza. Esse é apenas um aspecto desses reflexos.

Como podemos contribuir para a erradicação da pobreza ou pelo menos aliviar a marginalização e o sofrimento dos pobres?

Dentre os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável até 2030, o primeiro objetivo é exatamente erradicar a pobreza de todas as formas e em todos os lugares. Esse é um apelo global feito pelas Nações Unidas. Inclusive, o Brasil se comprometeu com esses objetivos, mas é importante ressaltar que, além do compromisso, é necessário também um conjunto de medidas e, principalmente, recursos que possibilitem implementar programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões.

Como fazer para que a Jornada Mundial dos Pobres não se resume a obras caritativas, assistenciais, mas que estas sejam sustentadas pela oração e compromisso comunitário, dando testemunho e trazendo resultados eficazes?

A resposta para esta questão está na própria mensagem do Papa Francisco quando chama a atenção para o importante detalhe: de que a pobreza não é fruto do destino, é consequência do egoísmo. Portanto, é decisivo dar vida a processos de desenvolvimento, onde se valorizem as capacidades de todos. E, ainda, que ninguém é tão pobre que não possa dar algo de si na reciprocidade. Essas palavras do Papa só reforçam o nosso compromisso comunitário e a responsabilidade de toda a comunidade em garantir para além das obras caritativas e assistenciais, mas também com ações alternativas que efetivamente tirem as pessoas pobres da condição de apenas receber e possam recuperar o seu potencial e se constituírem provedoras das suas próprias condições.

Não podemos falar em erradicação da pobreza sem falar em políticas públicas. Que direitos têm os cidadãos para manter uma qualidade de vida digna?

Realmente fica difícil falar da erradicação da pobreza sem antes mudar a forma como ela é abordada, tanto a partir das suas causas quanto de suas consequências. E as políticas públicas, ou a falta delas, têm uma grande contribuição nesse processo, porque como cidadãos e cidadãs todos nós temos direito a uma vida digna e isso passa pelo direito à saúde, educação, moradia, trabalho, que são direitos básicos, mas que ainda faltam para muita gente.

ENTREVISTA COM: Frei Olavo Dotto, assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Qual a importância da ação social da Igreja realizada em campos específicos pelas chamadas pastorais sociais?

Primeiro, é importante dizer que o serviço da caridade realizado pela Igreja tem que ser um compromisso de toda ela, de toda a Igreja através dos seus serviços, diferentes serviços organizados. A gente sabe que para realizar o serviço da caridade, o cuidado dos pobres, cuidar daquelas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, os diversos rostos da exclusão, da pobreza, nós temos na Igreja os chamados serviços especializados que são as pastorais sociais específicas. Para que isso? Exatamente para termos essa capacidade de nos capacitarmos como agentes de pastorais para um determinado foco, um público específico, para a gente poder trabalhar melhor, melhor compreender a realidade



social a qual vivem e, a partir desse entendimento, a gente poder transformar a vida dessas pessoas, a vida dessa comunidade.

A opção pelos pobres não é uma opção sociológica, mas uma exigência evangélica. O que isso significa?

A opção pelos pobres assumida pela Igreja é, em toda a sua história, a história do cristianismo, tomada sempre pela opção pelos pobres, pelo cuidado da pessoa. Então, a opção pelos pobres pode ser uma opção sociológica, porque é uma opção social, e é importante dizer que a Igreja tem um papel público de ajudar a construir aquilo que o Papa Francisco diz hoje de construir a fraternidade universal. Agora, para construir a fraternidade universal, a gente precisa que a pessoa humana esteja cuidada, porque cuidar das pessoas foi aquilo que Jesus Cristo fez e aquilo que está contido no seu Evangelho.

A pobreza não deve ser tratada como mero objeto da compaixão, mas como uma questão de políticas públicas. Como assim?

Para a gente efetivamente assumir o cuidado dos pobres e se sentir tocado, precisa ser movido pela compaixão, que foi exatamente a atitude de Jesus. Então, esse é o primeiro caminho, mas a gente não pode ficar só nisso. É necessário, então, a gente trabalhar com as outras organizações em vista de que haja políticas públicas adequadas para que as pessoas possam viver com dignidade. Vejam que as duas coisas se entrelaçam.

Como dar uma resposta concreta aos milhares de pobres que tantas vezes, como resposta, só encontram a indiferença, quando não a aversão?

Quando a gente fala em pensar ações concretas, eu acho que o primeiro passo é exatamente isso. Quer dizer, é a gente trabalhar nas nossas pastorais, nas nossas comunidades esse processo de formação, nessa perspectiva da gente parar esse sentimento da indiferença e partirmos para o cuidado. Segundo, que eu acho que a gente precisa retomar com força nas nossas pastorais aquilo que era muito querido, muito forte, nas décadas de 80, 90, até os anos 2000; que era retomar o processo de formação no ensino social da Igreja. O ensino social da Igreja nos dá uma abertura, também nos coloca nessa perspectiva de nos abirmos para o diálogo. E, além desse aspecto da formação, penso que é muito importante a gente também ver essas grandes ações que a Igreja está realizando hoje. E que são ações bem concretas, que querem colaborar para amenizar também a pobreza, amenizar esse sentimento exatamente de indiferença.

Todo esse projeto que a Igreja tem junto com a Cáritas, a CNBB e a Cáritas Nacional, o Projeto Ação Solidária Emergencial “É Tempo de Cuidar”, nos motiva para a abertura da solidariedade permanente com os que passam necessidade. Outro ponto para nos integrarmos é o “Pacto pela Vida e pelo Brasil”. A gente

precisa participar dessas discussões, pensar que Brasil nós queremos. E temos também na Igreja todo o processo que está acontecendo agora da Semana Social Brasileira, com esse tema que é provocativo: “Mutirão por terra, teto e trabalho”. A gente também participa das discussões lá nas comunidades, nos mutirões de discussão, olhando para a nossa realidade local, os problemas que temos e como que, juntos, a Igreja, a comunidade e a sociedade podem buscar soluções para esses problemas.

(MENSAGEM)

Irmã Veneranda da Silva Alencar, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança

Qual é a sua mensagem para o Dia Mundial dos Pobres?

A pandemia do novo coronavírus aumentou muito a pobreza no Brasil e no mundo. São milhares de pessoas que sofrem privações e, no momento, precisam de ajuda emergencial. Mas é preciso ir além do emergencial. Todas as pessoas têm direito de viver com dignidade e viver com dignidade significa ter um lugar para morar, ter o que comer, ter água potável para beber, ter acesso à saúde quando precisar, ter acesso a uma educação de qualidade, acesso àquilo que é indispensável para uma vida digna. É preciso dar garantias para o cidadão ter condições de viver, respeitando seus direitos. O Papa Francisco disse que a esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A partilha reforça a solidariedade e cria as bases necessárias para se alcançar a justiça.

Pratiquemos a verdadeira caridade diante de qualquer situação de pobreza, tendo empatia e se importando com o outro, pois somos todos irmãos em Cristo. A Pastoral da Criança não espera que as pessoas venham até ela, mas ela vai ao encontro dos mais necessitados, que clamam por um abraço, por atenção. Ela também se une aos esforços solidários de todas as pastorais sociais e movimentos que lutam por um mundo melhor. A exemplo do Bom Samaritano, procuremos ir ao encontro dos necessitados, curar as feridas e partilhar nossos esforços e dons para que todos possam ter vida e vida em abundância.

(TESTEMUNHO)

Adriana Aleixo, Coordenadora Estadual da Pastoral da Criança do Maranhão.

Como a Pastoral da Criança tem participado da Jornada Mundial dos Pobres?

A Pastoral da Criança trabalha sempre numa rede de solidariedade às famílias mais empobrecidas para ajudar essas famílias que nós acompanhamos nas periferias, nos grandes centros e, também na zona urbana e rural.

Esta entrevista faz parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança
Programa de Rádio 1572 - 08/11/2021 - Jornada Mundial dos Pobres